

São Paulo, 13 de novembro de 2008

Ao Exmo. Presidente da República Federativa do Brasil  
Sr. Luiz Inácio Lula da Silva

A reunião do G20 em Washington para resolver a crise financeira global é uma oportunidade única para as lideranças políticas definirem estratégias mundiais para uma estabilidade econômica e climática. A ocasião é ideal para desenvolver uma visão compartilhada e implementar um acordo concreto para estimular a economia global e proteger o mundo das alterações climáticas.

Esse é um esforço que requer uma ação coordenada com foco político. As negociações devem começar em Washington e prosseguir na próxima Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas, que será realizada em Poznan (Polônia), em dezembro. O acordo, que deve contemplar metas ambiciosas para reduzir emissões de gases de efeito estufa e indicações de investimentos em mecanismos de redução do desmatamento e geração de energia a partir de fontes renováveis, deverá ser a base do documento que sucederá o protocolo de Quioto.

**A crise climática e a instabilidade econômica devem ser encaradas como dois problemas com uma única solução.**

Lord Nicholas Stern, ex-economista chefe do Banco Mundial e organizador do relatório Stern 2006, que mapeou os impactos econômicos provocados pelas alterações do clima, observa que a crise financeira e as mudanças climáticas têm em comum dois elementos fundamentais: as duas estão sendo geradas há anos e vão atingir os países mais pobres de maneira muito mais intensa. O economista conclui que quanto mais adiarmos as providências contra as mudanças climáticas, maiores serão as consequências sociais e econômicas. Estima-se que os custos com as alterações climáticas ficarão em torno de 2% do PIB (por ano) se as ações forem imediatas. No caso de um atraso de 10 anos, os gastos poderão ser o dobro e se nenhuma ação for tomada, pode chegar aos 20% do PIB

O modelo econômico atual depende de um padrão energético de alto consumo. As mudanças climáticas ameaçam criar enorme instabilidade social e econômica, além provocar grandes conflitos

políticos. A segurança econômica não pode se sobrepor aos desafios das mudanças climáticas e à segurança das futuras gerações. O futuro deve ser construído com baixas emissões de carbono e não repetindo-se os erros do passado.

A crise financeira é uma oportunidade para as nações mais ricas, para as economias em transição e para os países mais pobres mudarem radicalmente de rumo. Com políticas adequadas e investimentos, a ameaça da crise financeira pode ser convertida em uma verdadeira oportunidade para o nascimento de uma economia sustentável, de baixas emissões de carbono.

O Brasil pode dar uma grande contribuição zerando seu desmatamento e substituindo suas fontes sujas de energia, como carvão, óleo e nuclear, pelas tecnologias renováveis (energia solar, eólica, PCHs e biomassa).

De acordo com a Agência Internacional de Energia, os investimentos globais em infra-estrutura energética nos próximos 20 anos serão de, aproximadamente, US\$ 1 trilhão por ano. É crucial que esse aporte seja direcionado a tecnologias de baixa

GREENPEACE

greenpeace.org.br

emissão de carbono, eficiência energética e infra-estrutura, com sistemas regionais ou “descentralizados”, em que a geração se dá perto do ponto de uso.

Os investimentos nos mecanismos contra as mudanças climáticas também têm um importante papel na recuperação de empregos, redução da dependência dos combustíveis fósseis e economia gerada pela eficiência energética. No entanto, esse tipo de investimento só pode ser efetivado em um ambiente político seguro, com regulamentações ambientais claras e incentivos para reduzir drasticamente as emissões até 2020 e atingir a completa descarbonização em 2050.

Uma sociedade de baixa emissão de carbono exige fortes políticas nacionais e internacionais, que incluem regulamentações sólidas, apoio governamental para indústrias que contribuam nesse processo e investimentos públicos em infra-estrutura. Em contrapartida, os custos ambientais das indústrias de alto nível de emissões, como as termelétricas a carvão e óleo, devem ser expostos publicamente e cobrados.

### **A destruição de florestas tropicais responde por quase um quinto das emissões globais de GEE.**

Para mudar essa realidade, o Greenpeace propõe um fundo baseado em um mecanismo que possibilita que países desenvolvidos cumpram parte das suas obrigações com a redução de gases de efeito estufa por meio de financiamento da preservação

das florestas. O mecanismo resultará em investimentos de US\$ 15 bilhões por ano e na redução pela metade do desmatamento global até 2015.

O fundo seria usado para estimular as economias dos países em desenvolvimento e para assegurar às populações locais formas sustentáveis de subsistência. A redução do desmatamento, além de ser bom para o clima, também protege a diversidade biológica e os que vivem nas florestas ou são dependente delas para a subsistência.

A reunião dos líderes do G20 em Washington oferece uma oportunidade única para orientar o mundo em uma nova direção: no caminho para a criação de emprego, segurança energética e estabilidade climática. A crise oferece aos líderes mundiais a possibilidade de dizer: nós tivemos a oportunidade, coragem, visão e tecnologia para enfrentar as crises econômica e climática e construir um mundo seguro e saudável para as gerações futuras.

O Greenpeace aguarda com expectativa que o Governo brasileiro transforme seu compromisso com a sociedade brasileira e internacional na luta contra o aquecimento global em ações concretas para garantir um futuro verde, justo, pacífico e próspero.

Anexo, seguem algumas medidas para discussão na reunião do G20.

Atenciosamente,

Marcelo Furtado  
Diretor executivo  
Greenpeace Brasil